

VULTOS DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

MARTIM FRANCISCO, O TERCEIRO (1853 — 1927)

Martim Francisco Ribeiro de Andrada, terceiro do nome, nasceu em São Paulo a 11 de fevereiro de 1853, filho de Martim Francisco Ribeiro de Andrada (segundo do nome) e de D^a. Ana Benvinda Bueno de Andrada. Era, portanto, neto do primeiro desse nome, o irmão e genro de José Bonifácio, o Patriarca, de quem era, pois, bisneto. Fez o curso secundário no Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, retornando a São Paulo para cursar a Faculdade de Direito, pela qual se bacharelou em 1875. Ingressando na política, foi deputado provincial em 1878 e 1879 e de 1879 a 1884 representou a província de São Paulo na Assembléia Geral. Interrompeu seu mandato por um ano (1882), quando exerceu a presidência da província do Espírito Santo. Com seu irmão Antônio Manuel Bueno de Andrada, redigiu o jornal político **O Provinciano**. Proclamada a República, foi membro da Assembléia Constituinte. Em 1892 foi Secretário da Fazenda do Estado de São Paulo (governo de Cerqueira César). Preso por ter conspirado contra Floriano Peixoto, abandonou a política e consagrou-se à advocacia, por muitos anos, na cidade de Santos. Viajou pela Europa, trazendo impressões que externou em livro de fina ironia. Residiu, por algum tempo, em São Bernardo (hoje São Bernardo do Campo), nas imediações da capital paulista, onde freqüentemente iam visitá-lo excelentes amigos, entre os quais Capistrano de Abreu, Paulo Prado e Afonso de Taunay. Faleceu no Rio de Janeiro, a 20 de abril de 1927.

Os rápidos traços biográficos aqui apresentados escondem uma das figuras mais curiosas de nossas letras, pelo espírito observador e sarcástico, de humorismo ferino, por vezes demolidor, como está bem expresso nos seus livros. “Escritor originalíssimo e sarcasta formidável”, como o definiu Afonso de Taunay, que dedicou ao ilustre Andrada diversos escritos: um extenso estudo biográfico — **Martim Francisco III** (1936) — e uma série de sete artigos publicados na “Revista da Academia Paulista de Letras” (1945/1951).

Dos pendores e do interesse de Martim Francisco III pelos estudos históricos, temos o excelente depoimento de Taunay, que transcreveremos do primeiro dos seus trabalhos citados:

“O estudo, porém, que mais o seduziu, que a vida inteira o trouxe como um enamorado, a reler velhos papéis, guardados à sombra melancólica dos arquivos, foi o da História Pátria. Nesse departamento de

atividade intelectual se fez grande entre os maiores. Dele se assenhoreou não em compêndios, que se redizem, e uns aos outros se copiam. Andou à cata do documento, morou nas bibliotecas, descobriu e destrinçou registros e alvarás, edições seculares, anotou-as, desfez enganos e fixou acertos.

Por isso mesmo, ainda no quarto ano de Direito, publicou **Os Precusores da Independência**, ou “a primeira futilidade”, como dizia. Foi injusto com ele próprio. As páginas do trabalho são fartas sementeiras de idéias. A gente sente que antes de escrevê-las, Martim as cultivou. Entremostrom horizontes dilatados pela sua argúcia de historiador. Há teses, que, só para formulá-las, exigiam conhecimentos interessantes e invulgares. Teses que, sem esforço, por ele poderiam ser desdobradas em compêndios.

(...) Martim precisa ser lido com uma dupla visão. É necessário ler o que escreveu e o que não escreveu, mas deixou ficar escrito nas entrelinhas. São períodos com conhecimentos que florescem ao alto de outros conhecimentos.

Para provar que os primeiros precusores de nossa independência foram os paulistas, quando, na Capitania de São Vicente, se insurgiam contra os jesuítas, organiza um desfile de figuras. E não há figura desacompanhada duma nota ilustrativa, nota que se enraíza fundo em leituras e reflexões. Aparece-nos João Ramalho, com os seus mamelucos, altivos, quase selvagens. Martim Afonso, desembarcando em São Vicente, Anchieta, o santo, Bolés, o astuto. Tibiriçá, Nóbrega, André Fernandes, Fernão Dias, João Pires, Amador Bueno da Ribeira. Os fatos se encaixam. Surgem povoações e as lutas que dentro delas se porfiaram.

Acrescente-se a esse mealheiro farto de sabedoria histórica, todas as suas pesquisas sobre Felipe dos Santos, Tiradentes e o fim que Tiradentes teve, questão essa que pôs “sal na moleira” de Vieira Fazenda, e teríamos material completo, custoso, para densos volumes.

Martim, porém, não se preocupava com quadros de largas dimensões. Preferia as miniaturas. Dava roteiros. Ensinava caminhos, dentro dos quais nos devemos movimentar para descobrir o ouro das nossas lendas e tradições.

(...) Adquirira Martim Francisco prodigiosa erudição em vários setores de nossa História. A do Brasil Nação conhecia maravilhosamente. Dos fastos parlamentares possuía a mais larga ciência. Assim também, de tudo quanto se referia aos anais de São Paulo, de 1800 aos nossos dias, aos da invasão holandesa e das pugnas em torno da Colônia do Sacramento. Eram estes os seus capítulos prediletos. Daí lhe proveio a longa intimidade com Capistrano de Abreu, com quem se cartou dezenas de anos, assiduamente. De tempos a tempos vinha o mestre cearense passar uns dias em casa do amigo, o que motivava infíndas conversas, debates acaloradí-

simos, rugas fortes, terminando tudo sempre pela pacificação daqueles dois espíritos fortes, a que tanta admiração recíproca prendia inquebrantavelmente.” (**Martim Francisco III**, pp. 46 a 48. São Paulo, 1936.)

Gostava Martim Francisco do gerúndio para titular seus livros: **Rindo, Contribuindo, Viajando e Falando**, estes dois últimos publicados postumamente. Responsável pela publicação de muitos inéditos que lhe foram confiados pela viúva do escritor, Afonso de Taunay prosseguiu no hábito de titular os novos volumes também pelo gerúndio. Assim, deu a público **Gracejando** e **Revivendo**. Ao publicar este último, em 1936, Taunay anunciou mais alguns livros de Martim Francisco, de cujas edições estaria cuidando e já com títulos escolhidos: **Castigando, Advogando, Escavando** e **Debatendo**. Infelizmente, não chegaram a ser publicados.

BIBLIOGRAFIA DE MARTIM FRANCISCO III

Os Precusores da Independência. 1874.

Propaganda separatista: São Paulo independente. 1887.

Carta-careta (sátira política). 1888.

Em Guararapes (conferência), em Rev. Inst. Arq. Hist. Pernamb. nº 77. 1909.

Rindo, 1919.

Contribuindo (ensaios históricos). 1921. (E. G. Monteiro Lobato).

Américo de Campos (biografia). 1921.

Viajando. São Paulo, Irmãos Ferraz, 1929.

Falando. 1929.

Gracejando. São Paulo, Melhoramentos, 1933.

Revivendo. São Paulo, Inst. Histórico e Geográfico, 1936.